

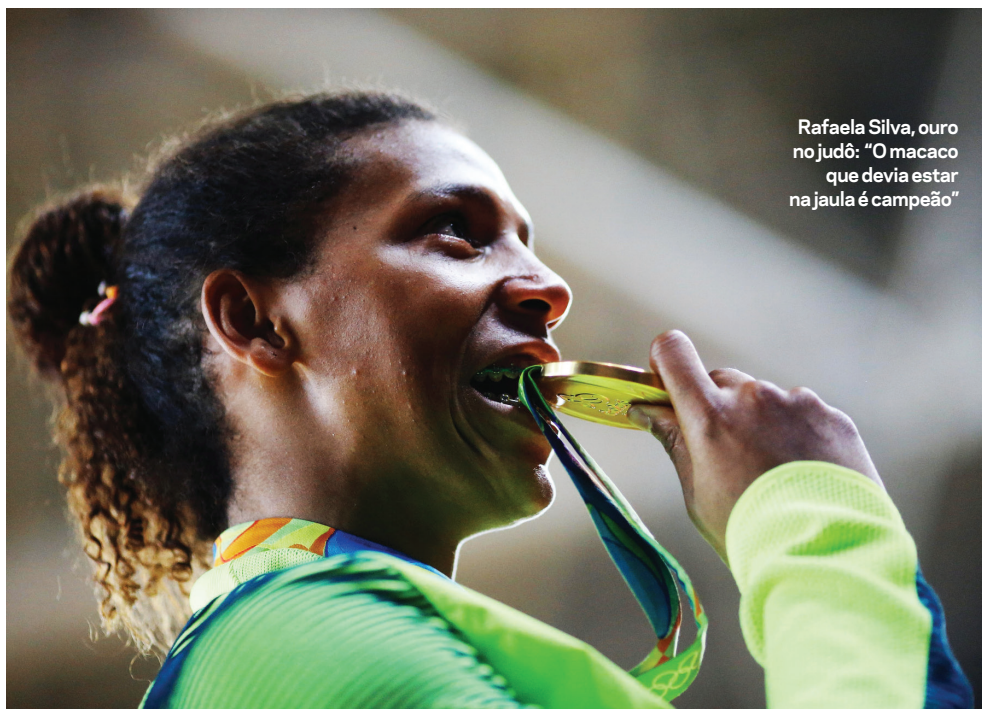
A Semana 17.8.2016



A volta da ostentação

Conhecida por exibir roupas caras e fotos em festas de luxo, Lidiane Leite da Silva obteve uma liminar da Justiça Federal na segunda-feira 8 e reassumiu o cargo de prefeita de Bom Jardim, no Maranhão, após a Câmara Municipal revogar o decreto de seu afastamento. A “prefeita ostentação”, como é popularmente chamada, foi afastada em agosto de 2015, quando fugiu da cidade para não ser presa pela Polícia Federal. Ao lado de dois ex-secretários, entre eles seu ex-marido, ela foi denunciada por desvio de recursos no valor de 15 milhões de reais destinados à merenda escolar do município. O Ministério Público pediu à Justiça para reconsiderar a decisão.

ROBERTO CASTRO/BRASIL 2016



Rafaela Silva, ouro no judô: “O macaco que devia estar na jaula é campeão”

Ouro/ Silva, com orgulho

Rafaela da Silva superou a vida dura na Cidade de Deus, o racismo, o machismo, a derrota em Londres – e derrubou no tatame os vira-latas

Uma das primeiras lições do judô é aprender a cair sem se machucar. A medalha de ouro conquistada por Rafaela Silva, na segunda-feira 8, foi forjada pelo ensinamento milenar.

Nas Olimpíadas de Londres, em 2012, quando realizou um golpe irregular e foi eliminada das oitavas de final da competição, a judoca foi alvo de agressões e insultos racistas. Ao superar uma profunda depressão e vencer quatro anos depois, a atleta saboreou o momento sem esquecer de seus detratores. “O macaco que devia estar na jaula é campeão olímpico”, ironizou.

Criada na Cidade de Deus, Rafaela morou durante sua infância em barracos emprestados por amigos e parentes e dormiu muitas vezes em cima de jornais. Com fama de temperamental, logo foi absorvida por projetos sociais e passou a se destacar na modalidade.

Em 2012, a atleta quase desistiu da carrei-

ra e ficou um bom tempo sem treinar. Além de ser chamada de “macaca”, foi perseguida por ser beneficiária do Bolsa Atleta, programa do governo federal para esportistas de alto rendimento, em um expediente muito semelhante ao da depreciação de quem precisa recorrer ao Bolsa Família. Em sua trajetória para o ouro em 2016, ela teve de derrubar vários adversários, no tatame e fora dele.

Houve quem buscasse surfar no seu sucesso: para a Rede Globo, ela é o exemplo de quem “lutou de verdade” para escapar da miséria. Por ser sargento, foi aclamada por alguns pela sua disciplina militar. Outros apontaram ainda a importância dos programas de apoio criados por Lula e Dilma Rousseff para sua conquista.

São meias verdades, ou meias mentiras. Rafaela teve de superar o pior do Brasil antes de ser celebrada. Embora tentem roubar um naco de sua medalha, a única que merece mordê-la é a judoca.

A Semana

A presidente assume o picadeiro

A cerimônia supostamente solene da eleição da ministra Cármen Lúcia para a presidência do Supremo Tribunal Federal, na quarta-feira 10, acabou suscitando, entre aquelas figuras togadas hoje tão inclinadas à omissão quanto ao exibicionismo, um triste momento-molecagem. Cutucada pelo ministro Ricardo Lewandowski, que a antecede no cargo, sobre o título – presidente ou presidenta? –, numa alusão à presidenta que está sendo vítima de um golpe à vista do indiferente STF, Cármen Lúcia insistiu, sob risadas, na versão presidente, “em apreço à língua portuguesa”. Nomeada, em 2006, pelo presidente Lula, Cármen Lúcia terá dois anos de mandato para cuidar das irrelevâncias do vernáculo, enquanto o Brasil afunda na arbitrariedade.



Palco/ A pajelança dos golpistas

Nada como um beijinho no Moro e uns desaforos contra os nordestinos

Uma semana depois da agressão sofrida, em Curitiba, pela atriz Leticia Sabatella, acuada na rua por golpistas redundantemente furiosos, alguns de seus colegas globais promoveram uma revoadada até o reduto da Lava Jato para festejar, em torno do notório juiz Sergio Moro, o império da truculência e da intolerância que persegue os dissidentes do pensamento único.

Ao convescote de segunda-feira 8 serviu de porta-bandeira a atriz Susana Vieira, rombu da no físico e no intelecto, a qual aproveitou o frenesi patriótico para agredir nordestinos e nortistas, segundo ela incapazes de entender a relevante obra dos carcereiros do Juvevê. A declaração repercutiu nas redes sociais e Susana tratou de zerar seu Instagram.

Juntamente com a atriz, confraternizaram

com o juiz Moro e seus acólitos personagens que a tevê, o palco e a vida transformaram em figurantes, como Victor Fasano – um canastrão que serviu ao prefeito Cesar Maia –, e Lucinha Lins – para quem não se lembra, ela ficou conhecida como ex-mulher de Ivan Lins. O cantor Raimundo Fagner, que até segunda ordem é um daqueles cearenses que Susana Vieira despreza, incorporou-se à comitiva. Muito à vontade, até arriscou alguns solfejos. Aparentemente não procede a notícia de que os algozes de Curitiba estejam propensos a recrutar o bardo Fagner e sua cantoria para ameaçar os prisioneiros que ainda resistem, nas masmorras do juiz Moro, a fazer uma delação premiada.



Maré/ TIROS CONTRA A GUARDA NACIONAL

UM ENGANO – E UM NOVO E CONVENIENTE PRETEXTO PARA MAIS UMA INVASÃO NO COMPLEXO?

Um confronto entre agentes de segurança e traficantes resultou no aumento da repressão no Rio de Janeiro olímpico. Na quarta-feira 10, três soldados da Força Nacional destacados para o esquema de segurança dos Jogos foram atacados por integrantes de uma facção crimino-

nosa ao entrarem por engano na Favela Vila João, parte do Complexo da Maré, na zona norte da cidade.

Dois agentes foram baleados. O soldado Helio Vieira, internado em estado grave, foi submetido a uma cirurgia de cinco horas após ser atingido na cabeça. Em resposta

ao ataque, a Força Nacional promoveu um cerco às favelas da região, com participação da Polícia Militar, do Bope e do Choque.

O caso deve ampliar as ações de segurança pública no Complexo da Maré, um dos locais mais violentos e pobres do Rio (leia mais na reporta-

gem da pág. 63). Alexandre de Moraes, ministro interino da Justiça, convocou uma reunião de emergência com os representantes das Forças de Segurança para definir possíveis ações na região. Resta saber se os moradores sem envolvimento com o crime serão respeitados.

NELSON JR./STF, AP, FEDERICO PARRA/
AFP, MARTIN BERNETTI/APP



EUA/ Tiros pela culatra

O melhor cabo eleitoral de Hillary é Trump, e vice-versa

Atática de Donald Trump de conquistar espaço com declarações agressivas e intolerantes funcionou nas primárias, mas parece ter esgotado seu potencial. Não reverteu a queda nas pesquisas e aliena a cúpula republicana, a começar pelo núcleo neoconservador da era Bush, que o repudiou em carta aberta. Os absurdos são inúmeros, mas o mais chocante foi sugerir a defensores do livre porte de armas “fazer algo” para deter a adversária. De tão ruidosos, tais tropeços abafam os desliz

de Hillary, como o uso do cargo de secretária de Estado para favorecer doadores da Fundação Clinton, conforme e-mails recém-divulgados.

Entretanto, confiar em vencer por mostrar Trump como inaceitável, sem responder às demandas populares, é arriscado. A vantagem de Hillary não é esmagadora entre a ruim e o pior, muitos podem dar às costas às urnas ou votar em candidatos alternativos. Uma pesquisa entre eleitores de até 24 anos a põe em segundo lugar, atrás não de Trump, mas do *libertarian* Gary Johnson.

Um apelo à pontaria dos seguidores



Em banho-maria

Na terça-feira 9, a presidenta do Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela contrariou a oposição ao apresentar um cronograma para o referendo revocatório que prevê a coleta de assinaturas no fim de outubro e, caso sejam obtidos os necessários 20% do eleitorado, a realização da consulta entre dezembro e fevereiro. Mesmo que Nicolás Maduro seja derrotado, se isso ocorrer após o início do quarto ano do mandato, 10 de janeiro, não haverá eleições para substituí-lo e seu vice, Aristóbulo Istúriz, assumirá até janeiro de 2019. A oposição conta com a mobilização de grandes manifestações em 1º de setembro para pressionar o CNE a acelerar o processo.



Rivalidade/ CAXIAS VS. MITRE

NOS JOGOS, OS BRASILEIROS CONTINUAM GUERREANDO OS ARGENTINOS

A legião canarinho que invadiu as ruas do Brasil para reivindicar, na política, a volta ao passado aproveita os Jogos do Rio para demonstrar que a busca do retrocesso atinge também outras modalidades. O argentino Juan Martín del Potro sentiu na pe-

le – e, em especial, nos ouvidos – o brado ensurdecedor de uma rivalidade histórica e sem a menor elegância. O tenista terminou em prantos a partida em que venceu o número 1 do mundo, Novak Djokovic. Pesou, com certeza, a emoção da vitória. Mas o público de Pindorama exagerou na hostilidade, assim como já havia feito na abertura dos Jogos, vaiando a en-

trada da delegação argentina – dois séculos depois da Guerra da Cisplatina que confrontou os dois países. A imprensa estrangeira anda ironizando os hábitos selvagens dos anfitriões. O *New York Times*, com um sorriso de canto de lábios, escreveu que, do hipismo ao salto ornamental, o brasileiro torce como se estivesse numa eterna partida de futebol.

Agressão durante o jogo do hermano Del Potro

